

PREVENIR É MELHOR QUE REMEDIAR!

Marcos C. Ribeiro



Um velho e sábio ditado já enfatiza, há tempos, que prevenir é melhor do que remediar. Nas áreas de Segurança no trabalho, na Saúde e Meio ambiente, no ambiente empresarial (EHS – Environmental Safety and Health) também há muitos anos se defende, e com razão, que para menor ocorrência de incidentes e acidentes com efeitos sobre o homem ou meio ambiente deve-se priorizar as ações “preventionistas” (Aqueles que previnem ao invés de remediar).

As áreas que cuidam da saúde pública e privada entendem o mesmo, que boas políticas de prevenção (medicina ou odontologia preventivas, por exemplo) têm maior efeito sobre a saúde da população e menor custo social de atendimento hospitalar. Os melhores planos de saúde propõe e permitem a seus associados um programa de melhoria de qualidade de vida e prevenção de doenças sistêmicas ou epidêmicas (stress, obesidade, hipertensão etc..) a custo zero, pois em geral no médio e longo prazos percebem uma redução dos custos de atendimento destes mesmos associados.

A grande questão é: “por que não conseguimos aprender com todos estes exemplos e adotamos medidas de prevenção em outras áreas de nossas vidas? Por que nos permitimos perdas razoáveis de valores tangíveis e intangíveis para nós ou nossos filhos sem nenhuma medida de prevenção ou seguro contra estas perdas?”

Vejamos o ponto:

Segundo algumas estatísticas pouco divulgadas, o índice de desistência (evasão voluntária), na primeira ou segunda escolha de um curso de graduação do 3º grau, chega às Universidades particulares até 30% no 1º e ou 2º ano de curso.

O índice de graduados no 3º grau que exercem trabalhos e atividades remuneratórias totalmente diversas do que previam no seu esforço de graduação do 3º grau é ainda maior que 30%.

Atualmente na média do Brasil somente 20% dos que ingressam nas faculdades de engenharia acabam por completar o curso e obter a graduação. 80% desistem no decorrer do curso.

O índice também é crescente no grupo dos recém formados em cursos mais generalistas como, por exemplo, Administração de Empresas, que com o diploma na mão se perguntam, por um ou dois anos, “em que área da administração eu vou me realizar mais e me desenvolver mais e, portanto, obter o progresso e satisfação profissional que sonhei?”

Pois bem, se de um lado temos um sistema educacional formal e oficial de qualidade duvidosa e decrescente, que não se importa com nada mais do que manter o fluxo de alunos em aprovação quase automática, para que seus índices comparativos internacionais não envergonhem tanto a nação; De outro temos o sistema privado, em geral, melhor equipado para dar conteúdo e até alguma evolução de habilidades e competências, durante o período fundamental e secundário, mas que tem na aprovação dos vestibulares pelos seus alunos a métrica mais importante para retenção e aquisição de novos clientes no mercado (os pais dos alunos!).

No fundo pouquíssimas instituições educacionais reservam alguma preocupação, tempo e comprometimento com seus alunos no sentido de dar-lhes a oportunidade de descobrir

suas melhores possibilidades de desenvolver-se profissionalmente na vida real, com possibilidades de também ser feliz e bem sucedido qualquer que seja sua escolha, desde que seja uma escolha consciente.

É verdade que a idade tenra dos adolescentes, sua imaturidade, quando forçados a tomar este tipo de decisão (escolha da carreira profissional) pode ser um argumento válido para crítica ao sistema. Mas enquanto o sistema exige, o melhor é resignar-se, tentar um palpite de parente maduro ou deixar o adolescente escolher por si, pelas influências normais das modas, das mídias, dos papos de colegas e ou tentar simplesmente a sorte?

Se a idade não é a mais adequada para este tipo de decisão.

Se as mídias, modas e convenções induzem as escolhas pautadas pelo mercado em alta demanda, ou maiores salários nos últimos anos ou qualquer outra tendência.

Se ainda as possibilidades de escolhas são cada vez mais amplas. Se as opções de trabalho tendem a ser maiores do que as opções de empregos (PJ, CLT flex etc..) .

Se de repente, no Brasil pós Lula, até emprego publico ganhou novo charme e a procura por concursos públicos tem superado as melhores previsões.

Se tudo isso ocorre o quê se pode fazer para minimizar os riscos e frustrações de pais e filhos?

A melhor opção de prevenção de riscos e perdas tangíveis e intangíveis é a de permitir a oportunidade de uma bem feita avaliação de perfil e habilidades para, em conjunto com o profissional da área, encontrar a melhor orientação profissional que dê respaldo e suporte a escolha da forma mais consciente possível.

Isto vale para qualquer idade desde os 16 anos (recomenda-se a partir da 2ª série do 2º grau) até o recém formado ou até aqueles que por falta de oportunidade só puderam entrar na faculdade depois de maduros.

Cada ano perdido na escolha errada durante a graduação custa o intangível do tempo perdido que não mais se recupera. Custa a frustração da escolha equivocada e o esforço da retomada e recomeço na 2ª ou até 3ª escolha como tem ocorrido com freqüência. Além do tempo o custo emocional que nem sempre acrescenta um amadurecimento adicional sem dor.

Nos quatro anos de existência da CARPSI, cerca de 70% dos clientes que realizaram o processo de Orientação Profissional já haviam desistido em uma ou duas escolhas, ou pior, vieram

repensar a profissão após de experiência na área escolhida.

O custo tangível é menor, mas ainda assim significativo:

As mais acessíveis Universidades vão custar, por ano letivo, pelo menos R\$ 6000,00 e podem, nos cursos mais sofisticados em infra-estrutura, instalações e corpo docente, custar ao ano até R\$ 33 mil reais.

Pois bem, este é o custo tangível de cada ano perdido pela escolha errada. Adicionem-se a isso as despesas normais de locomoção, material e livros, lanches e até estacionamento em alguns casos e, portanto, deve-se adicionar de 20 a 30% de despesas colaterais de um ano de estudos no 3º grau.

As universidades agradecem quando por estes equívocos: 30% de seus alunos ao invés de encerrarem o ciclo em 4 ou 5 anos como seria o esperado permanecem no sistema de 6 a 8 anos, não por falta de estudo ou interesse, mas por terem escolhido a opção errada. Isto representa pelo menos de 15 a 20 % de crescimento do mercado de ensino no 3º grau por equívocos de escolha no que seria o faturamento médio per capita esperado e normal.

É certo considerar que no passado e até hoje uma parcela da população não teve ou não tem recursos financeiros, orientação e nem educação para pensar nisso e quando chegam a idade de trabalho por necessidade estão finalizando o 1º grau ou iniciando o 2º grau. Esta parcela não tem respaldo público e nem terá tão cedo. Mas a classe média ascendente e crescente já, não mais, pode usar este argumento. Todos os alunos de classes ascendentes têm seu celular, vão as baladas e tem renda média familiar para não prescindir de um esforço de prevenção de sair ao encontro do mercado de trabalho sem uma orientação profissional adequada. Isto custa menos de 20% do custo anual das faculdades mais acessíveis.

As vacinas reduzem as epidemias e evitam muitas doenças e se não distribuídas em postos de saúde ainda por precaução, podem ser tomadas ao custo que estiver ofertada nas clínicas de vacinação, pois o custo da vacina é menor que 20% do custo do tratamento em caso da doença existir na vida do paciente.

É por isso que a ênfase é dada, para que se permita aos jovens que estejam mais bem assessorados, respaldados e suportados para que suas escolhas profissionais, pré-vestibular, possam ser as mais corretas possíveis. De forma que a epidemia de escolhas equivocadas e seus custos tangíveis e intangíveis, que serão conseqüência inexorável para o indivíduo e para a família, não se tornem um custo social involuntário.